

RIO SHOW

Reinventando o cinema da infância

Exposição traz intervenções de Solon Ribeiro para a coleção de 30 mil fotogramas do avô

Acervo pessoal



O FOTOGRAMA do filme "Myxomatosis", do próprio artista Solon Ribeiro, está na exposição

• O artista plástico Solon Ribeiro passou a sua infância no interior do Ceará, brincando pelos corredores de uma sala de cinema do seu avô Ubaldo, que nutria uma paixão tão grande pela sétima arte que colecionava fotogramas de todos os filmes exibidos. O *hobby* foi seguido pelo pai de Ribeiro e por seus irmãos até meados dos anos 1970. Depois disso, a coleção foi guardada em um cofre, reaberto há pouco mais de seis anos. E esses fragmentos de filmes, cerca de 30 mil, são o ponto de partida para o trabalho do artista "Quando o cinema se desfaz em fotograma", exposto no Mezanino do Palácio Gustavo Capanema, de segunda à sexta, até 10 de fevereiro.

— Ele retirava alguns fotogramas de filmes que achava interessantes desde a década de 1920. Preencheu vários álbuns com

eles. A minha relação com o cinema sempre foi lúdica e também fragmentada, porque eu via um pedaço de um filme, corria para a rua, voltava em outra sessão. Aquilo fazia parte da minha vida. Eu não saía para ir ao cinema, ele era minha casa — diz Ribeiro.

Na exposição, os fotogramas estão descontextualizados, deslocados de seu ambiente original para que as informações produzam novos impactos visuais.

— Crio novas lógicas. Monto um filme com legendas de filmes distintos. Ou uso um texto em *off* ilustrado por fotograma diferentes. Os fotogramas também são exibidos em *back-lights* e totens. Tudo se trata do fim do cinema, do fim do sonho do cinema. Antes de Hollywood, o cinema era mais livre. Hollywood acabou com o sonho — explica.